

Situações estressoras e fatores protetivos: percepções de meninas adolescentes que cumpram medidas socioeducativas

Stressful situations and protective factors: perceptions of teenage girls on socio-educational probation

Thelma Simões Matsukura*

Maria Fernanda Barboza Cid**

Thamiris Camargo Angelucci***

Martha Morais Minatel****

25

Artigo Original • Original Paper
O Mundo da Saúde - São Paulo - 2013;37(1):25-34

Resumo

O objetivo do presente estudo foi identificar as situações estressoras ou de suporte que meninas adolescentes em cumprimento de medida socioeducativa percebem ao longo de sua trajetória de vida. Participaram seis adolescentes, com idade variando de 15 a 17 anos. Para a coleta de dados, utilizou-se: formulário de identificação e roteiro de entrevista semiestruturado. Os dados foram analisados a partir da técnica do Discurso do Sujeito Coletivo. Como resultado observou-se que o que as adolescentes consideram como fontes de apoio (família, amigos) também podem constituir situações estressoras. Verificou-se que as dificuldades estiveram sempre presentes na vida das participantes, o que destaca a importância da atenção dispensada a esta população por meio de intervenções e políticas precoces que abordem diferentes contextos das adolescentes.

Palavras-chave: Estresse Psicológico. Adolescente. Defesa da Criança e do Adolescente.

Abstract

The goal of this study has been to identify, from the point of view of female teenagers on supervised probation, their own life paths through stressful situations and sources of help and support. Subjects were six teenage subjects, with ages ranging from 15 to 17 years. In order to collect data, we used the following instruments: identification form and half-structured interview guide. Data have been analyzed by means of the Collective Subject Discourse technique. As a result, it has been observed that what the teenagers consider as a support source (such as family and friends) may also be a source of stressful situations. It was verified that difficulties have always been present on the participant's lives, which highlights the importance of assistance given to these people through preventive policies and interventions that would approach the different contexts of those teenagers.

Keywords: Stress, Psychological. Adolescent. Child Advocacy.

* Terapeuta Ocupacional. Doutora em Psiquiatria. Professora do Departamento de Terapia Ocupacional e dos Programas de Pós-Graduação em Educação Especial e em Terapia Ocupacional da Universidade Federal de São Carlos. São Carlos-SP, Brasil.

** Terapeuta Ocupacional. Doutora e Mestre em Educação Especial. Professora do Departamento de Terapia Ocupacional da Universidade Federal de São Carlos. São Carlos-SP, Brasil. E-mail: mariafernandacid@gmail.com

*** Terapeuta Ocupacional pela Universidade Federal de São Carlos. São Carlos-SP, Brasil.

**** Terapeuta Ocupacional. Mestre em Terapia Ocupacional pelo Programa de Pós-Graduação em Terapia Ocupacional da Universidade Federal de São Carlos. São Carlos-SP, Brasil.

As autoras declaram não haver conflitos de interesse.

INTRODUÇÃO

O presente manuscrito trata de um estudo realizado junto a meninas adolescentes em cumprimento de medida socioeducativa em meio aberto, com o intuito de identificar suas percepções a respeito das situações de estresse e apoio vivenciadas ao longo de sua trajetória de vida.

A fim de tornar mais compreensível a temática trabalhada no estudo e delinear a justificativa do mesmo, apresenta-se, a seguir, apontamentos da literatura a respeito dos fatores de risco e proteção que podem estar envolvidos no processo de desenvolvimento infanto-juvenil, especificamente no que se refere ao desenvolvimento socioemocional e ao envolvimento em atos infracionais.

Estudos indicam que o desenvolvimento infantil é influenciado por aspectos genéticos, biológicos e ambientais que, quando associados a consequências negativas para o desenvolvimento, são chamados de *fatores de risco*, que podem comprometer a saúde, o bem-estar ou o desempenho social do indivíduo¹.

Entre os fatores de risco estão certas características familiares que podem colocar as crianças em maior risco para o desenvolvimento saudável. Tais características englobam: baixa renda, baixa escolaridade dos pais, altos níveis de estresse familiar, baixos níveis de suporte social, altos níveis de discórdia marital, depressão e doença psiquiátrica dos pais².

Paralelamente aos fatores de risco, têm-se os fatores de proteção, que podem ser entendidos como recursos pessoais ou sociais que amenizam ou inibem o impacto do risco³. Os fatores de proteção podem atuar favorecendo o desenvolvimento humano, quando esse está sendo ameaçado pela exposição ao risco e podem ser identificados e ativados na situação de risco. Podem não ter efeito na ausência de um estressor, pois sua função é modificar a resposta do indivíduo em situações adversas, mais do que favorecer diretamente o desenvolvimento^{4,5}.

Gallo e Williams⁶ apresentam um estudo de revisão referente aos fatores de risco associados à prática infracional de adolescentes. Dentre os inúmeros fatores de risco encontrados na literatura, os autores destacam: famílias com baixos

níveis de afeto; pouca coesão familiar; presença de violência doméstica; ausência de monitoramento parental das atividades dos filhos; indiferença e vínculo pouco afetivo nas relações interpessoais; pobreza; influência de colegas; uso de drogas e fracasso escolar.

Com relação à diferença de gêneros no que se refere à manifestação do comportamento infracional, Dell'aglio, et al⁷ apontam que diferenças entre os sexos têm sido observadas, de forma que os adolescentes meninos apresentam mais níveis de envolvimento em problemas de conduta do que as meninas.

Assis e Constantino⁸ confirmam essa afirmação, apresentando alguns dados nacionais que mostram a dimensão da questão infracional, de forma que, em 1997, havia 20.352 adolescentes de 12 a 20 anos cumprindo medida socioeducativa no País e apenas 7,4% era do sexo feminino.

Embora o ato infracional seja um comportamento que tem sido apresentado geralmente por pessoas do sexo masculino, alguns estudos têm apontado um aumento significativo na ocorrência do comportamento infrator feminino, indicando a necessidade de mais estudos que abordem essa problemática, visando a maior compreensão do processo que envolve meninas em atos infracionais^{7,8}.

Assis e Constantino⁸ desenvolveram um estudo que visou a compreender o universo de adolescentes infratoras do Rio de Janeiro, focalizando na investigação dos fatores que levam essas meninas a cometerem atos infracionais. Para isso, as autoras realizaram entrevistas semiestruturadas com 27 adolescentes internas em um núcleo para atendimento a adolescentes do sexo feminino; 20 mães e 10 funcionários da instituição. Os principais resultados encontrados identificam diversos fatores de risco vivenciados pelas adolescentes que, segundo as autoras, contribuíram para o envolvimento delas em atos infracionais, tais como: exclusão social advinda da situação de pobreza; negligência e abandono da família, da escola, da comunidade e da sociedade em geral; a dificuldade na compreensão de limites e regras; e a variedade de formas de violência das quais as adolescentes foram vítimas.

Frente aos resultados deste estudo, as autoras apresentam uma comparação com dados

advindos de um estudo semelhante realizado com adolescentes do sexo masculino⁸, apontando que as principais diferenças encontradas se referem à maior vivência das adolescentes de negligência por parte da família, especialmente das mães; também são mais frequentes entre as meninas as histórias de agressões psicológicas e físicas e sexuais, o que, segundo Assis e Constantino⁸, aponta para a existência de uma dominação masculina do corpo feminino; à presença de episódios de gravidez e aborto; maior ocorrência de transtornos mentais; adolescentes mostram-se submissas e obedientes às ordens masculinas no mundo infracional; apresentam-se mais frágeis e emotivas quando se referem aos atos infracionais praticados; entre outras.

Dell'Aglio, et al⁷, com o objetivo de investigar a ocorrência e o impacto de eventos estressores no desenvolvimento de adolescentes meninas que cumprem medidas socioeducativas, coletaram dados a partir de entrevistas semiestruturadas e do Inventário de Eventos Estressores. As autoras identificaram que a vivência de eventos estressores pelas adolescentes, tais como negligência, maus-tratos, abuso sexual, uso de drogas, repetência escolar, desemprego e morte dos pais constituem-se em fatores de risco para o envolvimento em atos infracionais. As autoras observam, ainda, que frequentemente os fatores de risco estão presentes de forma sobreposta, o que potencializa o risco e as possibilidades de presença de comportamentos desviantes.

Observa-se, a partir dos estudos apresentados, que, embora os fatores de risco para a conduta infracional sejam semelhantes para adolescentes de ambos os sexos, as meninas parecem vivenciar mais intensamente alguns eventos estressantes, tais como: violência doméstica, abuso sexual, negligência e transtornos mentais. Observa-se também que a compreensão sobre os fatores de risco e eventos estressores que parecem fazer parte desta realidade tem sido aprofundada, porém aponta-se a importância de estudos que possam também compreender o fundamental papel dos fatores e mecanismos considerados protetivos para essa população.

Coie, et al⁹ classificaram os fatores de proteção em dois grupos: características individuais e recursos do ambiente. Os fatores pessoais

evidenciam-se pelas condições biológicas, considerando a saúde física e o temperamento, e se relacionam às experiências com o ambiente social por meio da autoestima e das relações de confiança. O poder aquisitivo ou o suporte social oferecido pela comunidade e a afetividade oportunizada pela família, pelos amigos e pelos demais membros significativos do contexto ecológico são considerados aspectos ligados aos recursos do ambiente.

Nessa dimensão estão presentes os fatores individuais e ambientais que podem atenuar as consequências e/ou as formas de enfrentamento em situações estressoras.

Com relação aos fatores individuais que estariam envolvidos no processo de enfrentamento das situações de risco ou stress, Gallo¹⁰ aponta habilidades que a criança / adolescente demonstra, tais como habilidades cognitivas, independência, autonomia e autoestima positiva. Na identificação dos fatores ambientais, o suporte social também tem sido identificado como um importante mediador no processo de proteção ou de adaptação positiva dos indivíduos em diferentes situações¹¹.

Matsukura, et al¹¹ compreendem o suporte social como um metaconstruto com três componentes conceituais distintos, a saber: recursos de rede de suporte, comportamento suportivo e as avaliações subjetivas de suporte, sendo que, de acordo com um enfoque ecológico, os recursos das redes sociais podem ser desenvolvidos, mantidos e estimulados ou deteriorados, negligenciados e até destruídos, em função de variáveis como características dos indivíduos que compõem a rede, fatores ambientais ou culturais e interações entre essas variáveis.

A maioria dos estudos que buscam avaliar o impacto do suporte social no desenvolvimento de crianças e adolescentes focaliza o suporte social recebido pela família, em sua maioria pelos pais, e resultados de desenvolvimento dos filhos^{12,13,14}.

Na literatura internacional, encontram-se alguns estudos que abordam o suporte social recebido diretamente pela criança. Jackson e Warren¹⁴ examinaram a relação entre o suporte social e eventos de vida na determinação de comportamentos externalizantes e internalizantes em 265 crianças em idade escolar. Os resultados encon-

trados indicaram que as crianças com altos níveis de suporte social tendem a manter altos níveis de comportamentos adaptativos frente aos eventos de vida negativos, ao passo que as crianças com baixos níveis de suporte social, apresentam mais problemas externalizantes e internalizantes frente às adversidades.

Nesta direção aponta-se a importância de estudos e intervenções que, baseados em abordagens de prevenção, buscam diminuir ou eliminar os chamados 'fatores de risco' e reforçar os 'fatores protetivos' que atuam sobre o desenvolvimento. Como consideram Elias e Marturano¹⁵, a determinação dos fatores de risco e proteção é uma etapa importante da pesquisa preventiva e baliza a compreensão dos aspectos envolvidos na realização satisfatória de diferentes tarefas / demandas ao longo de cada etapa do desenvolvimento humano.

Assim, destaca-se a importância da continuidade de estudos que investiguem a realidade de adolescentes do sexo feminino que cumprem medidas socioeducativas de forma mais aprofundada, a fim de melhor compreendê-la, bem como para fornecer subsídios para a reflexão, planejamento e implementação de intervenções que atendam às particularidades dessa população.

Diante do exposto, o objetivo deste estudo foi identificar, sob a ótica das adolescentes do sexo feminino em cumprimento de medida socioeducativa em meio aberto, situações estressoras ou de suporte que identificam ao longo de sua trajetória de vida.

MÉTODO

Participantes

Participaram do estudo seis adolescentes do sexo feminino que estavam cumprindo medida socioeducativa em meio aberto, sendo que quatro delas cumpriam a Medida de Pres-

tação de Serviço à Comunidade e duas de Liberdade Assistida^a.

Observou-se que as adolescentes possuíam entre 15 e 17 anos, e duas delas não cursavam a escola no momento da pesquisa. Duas residiam com os pais biológicos, e as outras residiam com familiares (tios e avós). Em relação à infração cometida, os incidentes que as levaram a cumprir medida socioeducativa em meio aberto relacionam-se a: briga na escola ou na família e tráfico de entorpecentes.

Procedimentos

Para a identificação e localização das participantes, contactou-se uma instituição responsável pela execução das Medidas Socioeducativas em Meio Aberto, em uma cidade de médio porte do interior do Estado de São Paulo. Foi constatado que, no mês em que as adolescentes foram convidadas a participar do projeto, 12 adolescentes do sexo feminino cumpriam medida socioeducativa. Identificadas as adolescentes, agendou-se um primeiro encontro com elas e suas famílias, via orientadores de medidas socioeducativas responsáveis pelo acompanhamento de cada uma, visando à facilitação desse contato inicial. Assim, o contato da pesquisadora com a adolescente ocorreu em um momento cedido pelo orientador, do horário de seu atendimento individual. Entre as 12 adolescentes convidadas, 6 participaram deste estudo. Todas as participantes autorizaram a gravação em áudio de suas respostas no transcorrer da entrevista.

Seguindo os princípios éticos de condução de pesquisas com seres humanos que aponta que os trabalhos com menores de 18 anos necessitam, além da autorização do próprio adolescente, a autorização de seu responsável para a realização da intervenção, os objetivos da pesquisa foram cuidadosamente explicados primeiro às adolescentes e depois aos seus responsáveis, sendo que todos autorizaram a participação no

a. Segundo o art. 117 do Estatuto da Criança e Adolescente (ECA), que dispõe sobre a medida de Prestação de Serviços à Comunidade, tal medida consiste na realização de tarefas gratuitas de interesse geral, por período não excedente a seis meses, junto a entidades assistenciais, hospitais, escolas e outros estabelecimentos congêneres, bem como em programas comunitários ou governamentais¹⁶. O artigo destaca, em um único parágrafo, que as tarefas devem ser atribuídas segundo as aptidões do adolescente. A medida de Liberdade Assistida (art. 118 do ECA) será adotada sempre que se afigurar a medida mais adequada para o fim de acompanhar, auxiliar e orientar o adolescente¹⁶. O adolescente permanece em sua residência e comparece à orientação semanalmente, ou da forma que for melhor ao seu processo educativo. Essa medida possui um prazo mínimo em seu cumprimento de seis meses e máximo de três anos, podendo a qualquer tempo ser prorrogada, revogada ou substituída por outra, sendo que para isso devem ser ouvidos o orientador, o Ministério público e o defensor.

estudo e assinaram o Termo de Consentimento Livre e esclarecido.

Instrumentos de coleta de dados

Formulário de identificação das adolescentes e entrevista semiestruturada

Foi construído um formulário pelas pesquisadoras para caracterizar as adolescentes em relação à atual situação familiar, escolar e social, sobre a infração que cometeram e tempo de medida. Além do formulário, as pesquisadoras elaboraram um roteiro de entrevista semiestruturada contendo aspectos relacionados à rotina, à família, aos amigos, à escola e à infração, buscando interligar a influência desses contextos aos processos de desenvolvimento das adolescentes, buscando uma abordagem sobre a trajetória das adolescentes, das situações estressoras e das fontes de suporte e apoio que elas próprias identificam em suas histórias de vida.

Para tanto, as entrevistas partiram de questões pautadas pela idade das participantes, assim como possibilitaram momentos de regresso há dois anos, há seis anos, há dez anos e sobre lembranças da primeira infância. A título de exemplo, entre as perguntas que aparecem no roteiro, questionou-se às adolescentes sobre o que elas achavam que as ajuda em uma situação difícil; o que elas acham que as ajudava quando elas eram dois anos mais novas, quando elas eram seis anos mais novas e quando elas eram 10 anos mais novas.

Ressalta-se que tanto o formulário de identificação quanto o roteiro semiestruturado foram apresentados às participantes sob a forma de entrevista.

Análise dos dados

Os dados coletados nas entrevistas semiestruturadas com as adolescentes foram analisados a partir das transcrições na íntegra das entrevistas, que tiveram seu conteúdo agrupado e categorizado, identificando ideias centrais representativas presentes nos discursos das participantes e construindo discursos comuns, segundo a metodologia do Discurso do Sujeito Coletivo¹⁷.

A técnica do Discurso do Sujeito Coletivo pressupõe que as falas de indivíduos sobre determinado tema são representativas da coletividade em que estão inseridos, portanto busca-se reconstruir, com pedaços de discursos individuais, discursos sínteses para representar determinado grupo social¹⁷.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A seguir, os principais resultados encontrados no presente estudo serão apresentados e discutidos.

O objetivo do presente estudo foi identificar, sob a ótica das adolescentes do sexo feminino em cumprimento de medida socioeducativa em meio aberto, as situações estressoras e de suporte que identificam ao longo de sua trajetória de vida. Situações estressoras talvez comuns na trajetória de muitas pessoas, mas que, devido à sobreposição de várias delas no decorrer do desenvolvimento, podem ser caracterizadas como partes constituintes de mecanismos de risco.

A partir dos instrumentos para a coleta de dados, pôde-se identificar ao longo da trajetória das adolescentes questões relacionadas principalmente à família, à escola e aos amigos: como elas percebem essas relações em seus pontos de apoio e dificuldades e como elas se percebem nas relações.

Considerando o que as adolescentes identificaram ao longo de suas trajetórias, foi possível perceber duas questões principais: que o que serve a elas como fontes de apoio e suporte também podem constituir situações estressoras e que são necessárias intervenções anteriores às medidas socioeducativas para a prevenção de atos infracionais, pois as dificuldades na família e comunidade vêm sendo consolidadas há muito tempo. São evidenciados neste estudo dificuldades que foram sendo acumuladas desde, pelo menos, 6 (seis) anos atrás, tendo como base as divergências familiares, falta de estímulo aos estudos e proximidade/facilidade para conseguir drogas; enquanto que, mais precocemente, há 10 anos, ainda vários aspectos positivos eram identificados, como ilustrado no DSC abaixo:

Eu ia para a escola, ia bastante na igreja, brincava. Meu pai ia direto em casa e, às ve-

zes, passava os finais de semana na casa da minha mãe... Minha vida era boa... Brincava... Se eu pudesse voltar ao passado mesmo eu gostaria de parar nos meus 7 anos, porque foi uma das melhores fases da minha vida. Não tinha briga nada, parecia até que os outros gostavam de mim, era muito gostoso, meu irmão saía comigo, os outros me levavam pra sair... Nós vivíamos brincando. (DSC sobre como era a vida das adolescentes há 10 anos)

Gallo e Williams⁶ citam possíveis fatores de risco para a conduta infracional que podem ser destacados aqui por serem comuns aos que encontramos nesta análise: pouca coesão familiar, pobreza, influencia de colegas, uso de drogas e fracasso escolar. Dell'aglio, Santos e Borges⁷ encontraram em seu estudo para investigar o desenvolvimento das adolescentes e a exposição a fatores de risco alguns eventos estressores que podem ser apontados neste estudo: ruptura de vínculos, violência intra e extrafamiliar e relacionamentos afetivos.

A ruptura de vínculo, ainda de acordo com Dell'aglio, Santos e Borges⁷, está relacionada a perdas e separações de pessoas significativas a partir de sequências de afastamentos, ausência da figura paterna e separação dos pais. Tal aspecto também foi identificado no presente estudo, como pode ser observado pelo seguinte DSC:

Eu morava com a minha tia. Assim, minha tia me pegou com sete dias, foi desde um ano que eu morei só com a minha mãe, morei até os cinco anos com a minha tia, eu chamava ela de mãe, e tinha meu tio que eu chamava de pai ... com cinco anos, não lembro se minha mãe me pegou ou se eu quis ir e fui morar com ela e minha irmã, me arrependi, acho que com a minha tia ia ser melhor. (DSC sobre como era a vida delas há 10 anos)

Além da ruptura dos vínculos, tem sido apontado na literatura como fator de risco a violência intra e extrafamiliar, que se relaciona à exposição direta ou indireta das adolescentes a um contexto social e familiar caracterizado por agressões físicas, discussões verbais e ameaças¹⁸. Os resultados do presente estudo reforçam essa

hipótese, como pode ser representado pelo DSC sobre como era na casa das adolescentes há 6 anos:

Naquela época eu apanhava bastante dos meus avós, aí foi com uma idade que eu comecei a enfrentar, xingar ... não deixavam eu fazer nada, era igreja, escola e casa, brincar com as amigas ali do lado e só, então a gente discutia bastante, só que era assim, meus avós eram super carinhosos, me respeitavam bastante, nunca foram chatos, se batia, tinha assim motivo, às vezes motivo bobo, mas todo pai é assim, você respondeu eles batem, minha avó nem tanto, porque eu tinha o costume de quando ela vinha me bater eu segurava ... meu avô já é forte, daí eu apanhava ... quem batia mais era meu avô... Era briga todo dia... Brigava muito com o meu irmão. Uma vez meu irmão estava atentado, daí eu catei um pau da cama e malhei na cabeça dele ... eu nem sei por que ... aí ele me catou de jeito. (DSC sobre como era a vida das adolescentes há 6 anos)

Também é possível observar casos de adolescentes que presenciavam a violência, o que se configura como uma violação da integridade das meninas:

Quando eu ia ver a minha mãe na casa dela, e ela sempre arranjava namorado que vivia brigando, bebendo, então eu tinha que ficar assistindo aquela cena dos dois quebrando pau sabe, era um pouco desagradável, difícil. Minha mãe ficava lá chorando e eu ficava meio sem entender e sem poder ajudar... Foi quando uma amiga minha morreu de acidente de carro... (DSC relativo às situações difíceis que elas tiveram há 06 anos)

Maldonado e Williams¹⁹ colocam que a violência contra a criança e o adolescente acontece, geralmente, dentro do próprio lar, podendo se dar de diferentes formas, na medida em que a criança / adolescente pode estar exposta à agressão diretamente (quando ela é o alvo da agressão) ou indiretamente (quando presencia cenas de violência entre os pais, por exemplo). As autoras apontam que ambas as formas de violência são prejudiciais para a criança, podendo originar problemas relativos à saúde mental, tais como:

depressão, agressividade, isolamento social, pobre autoconceito e baixa autoestima.

Benetti, et al²⁰ apontam, ainda, que os efeitos da violência na criança e no adolescente afetam diretamente o desenvolvimento dos conceitos sobre si mesmos e sobre o mundo, bem como suas ideias acerca dos objetivos da vida, suas perspectivas e expectativas futuras e seu desenvolvimento moral. Os autores indicam, também, que crianças expostas à violência intrafamiliar possuem maiores chances de reproduzirem os atos violentos na adolescência e idade adulta.

Gallo e Williams⁶ afirmam que, em uma sociedade consumista, em que os adolescentes são bombardeados pela mídia para terem determinados produtos, como roupas, celular, entre outros, os adolescentes que não acreditam na realização de seus desejos por meios legítimos podem se utilizar de táticas violentas e/ou ilegais para obter o que desejam, principalmente se o adolescente já tem uma trajetória de vida marcada por violências e violações, como a das adolescentes deste estudo. Contribuindo a essa realidade, existem ainda alguns fatores que podem motivar, por exemplo, a experimentação de drogas, como o papel do grupo, o prazer solitário (restrito ao próprio corpo, que limita ou impossibilita o encontro com o outro) e a fuga por meio do prazer²¹. À par com a literatura, identificou-se no presente estudo relatos relacionando o uso de drogas e a aquisição de bens materiais com pequenos furtos:

... e nesses tempos eu sempre via os outros tendo todas as coisas que queriam, e eu nunca tinha o que eu queria, daí eu acabava catando dinheiro de casa e gastando com os outros, e acabei pegando esse dinheiro para gastar com droga ... A partir daquele dia foi aumentando mais briga em casa comigo, foi quando os meninos lá da rua foram me perguntar se eu não queria experimentar droga, maconha ou cocaína; eu falei que sim porque eu queria ver como é, daí eu experimentei a maconha e gostei, porque na hora que eu fumei assim parece que eu esqueci todos os meus problemas, foi melhorando algumas coisas, daí eu comecei a gastar mais dinheiro com isso, depois eu fui pra cocaína também... (Trechos do DSC sobre como era a vida delas há 06 anos)

Em relação às fontes e situações que referem como suporte, observa-se que as adolescentes sentem confiança e consideram importante a presença dos amigos, além de enxergarem nos parceiros uma fonte de suporte importante, às vezes mais importante que os familiares.

Ah, meus amigos são super legais, dão conselhos bons, me ajudam bastante, eu me sinto bem quando eu estou junto deles, às vezes você acha que o amigo é até melhor que os pais, é porque eles entendem você mais que os pais. Todos são responsáveis. Não são más influências. Eles são gente fina... algo perfeito... educados... (DSC sobre como elas descrevem seus amigos)

Eu converso com bastantes pessoas, mas, se eu estiver estressada na hora, chorando e alguém vir querer saber por que eu estou chorando, eu não falo, fico envergonhada... a não ser que seja minha namorada, eu posso estar chorando, mas eu falo porque acho que a gente vive o dia inteiro junto então eu sou mais aberta, não tenho vergonha de falar nada, acabo falando tudo o que eu tenho pra falar. Tem outras pessoas, minha prima, meu primo, minhas tias que são pessoas que eu conto, mas não é sempre... Tem minha melhor amiga. (DSC sobre com quem elas podem conversar para falar sobre si e sobre seus problemas)

Porém, sendo a adolescência uma idade de busca de identificação e pertencimento²², pode-se notar a influência dos grupos que, ao mesmo tempo em que podem ser reconhecidos como fatores protetivos às adolescentes, também podem ser considerados de risco por incitarem e facilitarem práticas ilícitas⁷, como pode ser observado nos DSCs a seguir:

A gente saía ... quando eu queria usar drogas, eu ia sem elas porque elas não deixavam, eu ia com os outros que não eram amigos, era só uma turminha mesmo. (DSC sobre o que elas faziam com os amigos há 6 anos)

Morava com minha mãe ... eu fazia bagunça, fazia bastante na escola mesmo, em

casa, estava desandando já, com treze anos eu já estava drogada... por causa dos amigos que eu estava começando a andar, tudo o que eles faziam eu queria fazer, até que eu aprendi ... me levaram algemada pra delegacia ... acabei voltando pra minha casa, daí meu pai me mandou embora de novo, eu fui pra casa de uns amigos ... como eu estava lá ficando com aquela cara já fazia uns 4 meses, eu acabei começando a namorar com ele, daí eu fiquei morando com ele, mas ele foi preso ... daí, como a mãe dele tinha uma "boca", a gente estava vendendo, e eu acabei rodando com essas, com as drogas e acabei indo pro abrigo e eu fiquei só uma semana e acabei fugindo... (Trechos do DSC sobre como era a vida das adolescentes há 2 anos)

Retomando o mote da instituição familiar, que permeia todos os discursos, em maior ou menor grau, nota-se a desestruturação das famílias e práticas educativas pouco eficientes.

É assim, como eu posso dizer, eu sempre tive o gênio forte, então eu sou muito estourada, qualquer coisinha que fala eu começo a discutir, só que naquela época eu apanhava bastante dos meus avós ... foi com uma idade que eu comecei a enfrentar, xingar, porque as vezes eu estava até certa sabe, então a gente discutia bastante, só que era assim, meus avós eram super carinhosos, me respeitavam bastante, nunca foram chatos, se batia, tinha motivo, as vezes motivo bobo, mas... Eu ficava na rua o dia inteiro, não fazia nada... os outros chegavam na minha mãe e falavam, aumentavam, então ela não confiava em mim. Aí eu falei, agora eu vou e faço, já que os outros tão falando, eu vou fazer ... ela não acreditou, eu fiz... Foi quando minha família descobriu que eu comecei a usar droga e eu catei mais dinheiro em casa e gastei com a droga, meu pai começou a falar que eu estava tirando dinheiro dele ... eles fizeram uma reunião e meu pai me mandou embora de casa e fui morar na casa de uma amiga ... acabei voltando pra minha casa, daí meu pai me mandou embora de novo ... e minha mãe tinha mandado

a polícia atrás de mim de novo pra me prender no abrigo ... meu pai não olha mais na minha cara, não conversa comigo, ninguém da família... (DSC sobre como era na casa das adolescentes há 2 anos)

Em seu estudo sobre ensinar habilidades parentais a famílias monoparentais chefiadas por mulheres, Gallo¹⁰ chega à conclusão que há falta de recursos públicos para os pais que enfrentam problemas com seus filhos, além da falta de profissionais preparados para enfrentar os desafios de promover o desenvolvimento de crianças de risco e prevenir problemas mais graves.

Apointa-se que um modelo de família nuclear burguesa composta por mãe, pai e filhos ainda é idealizado, entretanto, o universo familiar mostra-se diferente desse ideal, com distintas crenças, valores e práticas desenvolvidas na busca de soluções para as adversidades. Além disso, há o rearranjo da sua estrutura devido a fatores econômicos e culturais, o que vem modificando a estrutura familiar, que está fragilizada e acarreta fatores de risco. Esse quadro aponta, assim, uma crise do modo de cuidar dos dependentes e de prover sua independência²³.

Generalizando a famílias e indivíduos o que De Antoni, et al²⁴ concluem em seu estudo sobre violência e pobreza:

Sozinha, dificilmente a família conseguirá reverter esta situação de instabilidade financeira e nas suas interações. Portanto, para auxiliar efetivamente a família a melhorar a qualidade de vida, são fundamentais ações de intervenção de rede de apoio social e de rede de serviços e de políticas públicas voltadas para amenizar a pobreza e a violência (p. 170).

Considera-se aqui a ressalva de que não só em contextos de violência tais ações são necessárias, mas também em outros contextos em que o risco já está colocado, buscando atenuar tais mecanismos e/ou aumentar a resiliência.

Sobre as perspectivas futuras apontadas pelas adolescentes:

Não faço ideia, sei lá, não sei, porque às vezes eu tenho uns sonhos, mas só que para mim não vai realizar, não vai acontecer, e eu também não fico correndo atrás. Que nem,

quero fazer tal coisa e é uma coisa que eu vou ter que correr muito atrás, daí eu penso no trabalho que vai dar e que não vou conseguir então nem vou fazer, então eu nem consigo imaginar como vai ser. (DSC sobre como elas acham/desejam estar daqui a 10 anos)

Esse discurso leva à reflexão / discussão de que, perante a falta de serviços públicos de educação, saúde, cultura, esporte e lazer de qualidade²³, além da baixa autoestima diante de tantas dificuldades sobrepostas, as adolescentes parecem perder as perspectivas para o futuro.

Apesar da evidente violência estrutural que essas adolescentes vivenciam, observa-se uma dificuldade em contextualizar de forma mais ampla essa problemática, já que, quando questionadas sobre o que as atrapalham em situações difíceis de lidar, é possível perceber, ao longo de suas trajetórias de vida, que as respostas vão cada vez mais se fechando em motivos pessoais, em alguma falta em si, sem mais questionar e refletir sobre as condições de vida que as cercam.

Eu sou muito estressada então, se falam uma coisa e eu quero saber eu não aguento me segurar e começo a estressar ... quando eu estou estressada, eu começo a xingar, então eu acabo aumentando uma coisinha de nada e faço aquela coisa ficar desse tamanho... Eu sou muito nervosa, o que mais me atrapalha é que quando eu tomo xingo, eu não consigo ficar quieta e respondo, e daí começa a briga... O que mais me atrapalha mesmo, porque eu acabo fazendo tudo de novo para eles perderem a confiança e fica nisso, acho que é isso que me atrapalha... A ruindade, porque dizem que você nunca deve guardar mágoa da pessoa, ódio da pessoa, mas eu estou guardando um ódio que na hora que eu estourar esse ódio eu bato nela. (DSC sobre o que mais as atrapalham em situações difíceis hoje em dia)

CONCLUSÃO

Observa-se que os achados do presente estudo identificam e confirmam alguns aspectos apontados pela literatura referente aos fatores de

risco e proteção e ao envolvimento de adolescentes em atos infracionais, em especial no que se refere às adolescentes do sexo feminino.

Verifica-se, também, a partir dos resultados apresentados, que os estressores identificados nas trajetórias das adolescentes confirmam o que a literatura tem apontado a respeito dos fatores de risco para o envolvimento de adolescentes do sexo feminino em atos infracionais, tais como: pouca coesão familiar, relacionamentos afetivos conturbados, ruptura de vínculos, violência intrafamiliar, uso de drogas, influência de pares, descrença na realização dos próprios sonhos e Fracasso escolar.

É possível perceber que as relações que as adolescentes apontaram ao longo de suas trajetórias ora serviam a elas como fontes de apoio e suporte, ora constituíam situações estressoras e que as dificuldades ou problemáticas estão presentes há bastante tempo na vida das adolescentes, seja na família ou nos relacionamentos, o que adverte para a importância de reforçar a atenção dispensada a crianças, adolescentes e famílias por meio de intervenções e políticas públicas mais precoces, articulando aspectos sociais, emocionais e econômicos que levem em conta os contextos do desenvolvimento das adolescentes, da família e da comunidade como um todo.

Acredita-se que o presente estudo atingiu os objetivos propostos, na medida em que identificou a percepção de adolescentes meninas em cumprimento de medida socioeducativa a respeito de suas trajetórias de vida, por meio da identificação de situações de estresse e apoio presentes ao longo desse processo, o que contribui com a maior compreensão a respeito da realidade dessa população, além de fornecer subsídios para a reflexão e planejamento de políticas públicas preventivas e protetivas que possam ser direcionadas aos diferentes atores envolvidos nessa realidade, a saber, a família, a escola, as instituições de atenção à criança e ao adolescente e as próprias adolescentes.

Acredita-se, também, que seja importante ampliar a compreensão dessa realidade investigada, a partir do aprofundamento de alguns temas aqui explorados, bem como dando voz a outros atores diretamente envolvidos no desenvolvimento das adolescentes, tais como família e escola.

REFERÊNCIAS

1. Webster-Stratton C. Early intervention for families of preschool children with conduct problems. In: Guralnick MI, editor. *The effectiveness of early intervention*. Baltimore: Paul H. Brookes; 1997. p. 429-53.
2. Halpern R, Figueiras ACM. Influências ambientais na saúde mental da criança. *J Pediatr*. 2004;80(2):104-10.
3. Greenberg MT, Domitrovich C, Bumbarger B. The Prevention of Mental Disorders in school-aged children: current state of the field. *Prevention Treatment*. 2001;4(1):1-62.
4. Mondin EMC. Um olhar ecológico da família sobre o desenvolvimento humano. *Psicol Argumento*. 2005;23(41):25-35.
5. Cid MFB. Saúde mental de escolares: um estudo de prevalência e de fatores de risco e proteção [tese]. Centro de Educação e Ciências Humanas: Universidade Federal de São Carlos; 2011. (Doutorado em Educação Especial)
6. Gallo AE, Williams LCA. Adolescentes em conflito com a lei: uma revisão dos fatores de risco para a conduta infracional. *Psicol Teoria Prática*. 2005;17(1):81-95.
7. Dell'Aglio D, Santos S, Borges J. Infração Juvenil Feminina: uma trajetória de abandonos. *Interação Psicol*. 2005;8(2):191-8.
8. Assis SG, Constantino P. Filhas do mundo: infração juvenil feminina no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Fiocruz; 2001.
9. Coie JD, Watt NF, West SG, Hawkins D, Asarnow JR, Markman HJ, Ramey SL, Shure MB, Long B. The Science of Prevention: a conceptual framework and some directions for a national research program. *Am Psychol*. 1993;48(10):1013-22.
10. Gallo AE. Adolescentes em conflito com a lei: perfil e intervenção [dissertação]. São Carlos (SP): Universidade Federal de São Carlos; 2006. (Mestrado em Educação Especial)
11. Matsukura TS, Marturano EM, Oishi J. O questionário de suporte social (SSQ): estudos da adaptação para o português. *Rev Latino-Am Enferm*. 2002;10(5):675-81.
12. Squassoni CE. Suporte social: adaptação transcultural do SOCIAL SUPPORT APPRAISALS e desenvolvimento socioemocional de crianças e adolescentes [dissertação]. São Carlos (SP): Universidade Federal de São Carlos; 2009. (Mestrado em Educação Especial)
13. Ceballos R, Mcloyd VC. Social Support and Parenting in Poor, Dangerous Neighborhoods. *Child Dev*. 2002;73:1310-21.
14. Jackson Y, Warren JS. Appraisal, Social Support and Live Events: predicting outcome behavior in school-age children. *Child Dev*. 2000;71(5):1441-57.
15. Elias LCS, Marturano EM. Habilidades de solução de problemas interpessoais e a prevenção de problemas de comportamento em escolares. In: Marturano EM, Linhares MB, Loureiro S, organizadores. *Vulnerabilidade e Proteção: indicadores na trajetória de desenvolvimento do escolar*. São Paulo: Casa do Psicólogo / FAPESP; 2004. p. 197-215.
16. Brasil. Estatuto da Criança e do Adolescente. Lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990. Brasília.
17. Lefèvre F, Lefèvre AMC, Teixeira JJV. O discurso do sujeito coletivo: uma nova abordagem metodológica em pesquisa qualitativa. Caxias do Sul (RS): EDUCS; 2000.
18. Dell'Aglio DD, Benetti SPC, Deretti L, D'Incao DB, Leon JS. Eventos estressores no desenvolvimento de meninas adolescentes cumprindo medidas socioeducativas. *Paideia*. 2005;15(30):119-29.
19. Maldonado DP, Williams LCA. O comportamento agressivo de crianças do sexo masculino na escola e sua relação com a violência doméstica. *Psicol Estud*. 2005;10(3):353-62.
20. Benetti SPC, Valentini F, Silva MB, Fonini RI, Pelizonni VG. A violência familiar na perspectiva do desenvolvimento de crianças e adolescentes. In: Hutz CS, organizador. *Violência e Risco na infância e Adolescência: pesquisa e intervenção*. São Paulo: Casa do Psicólogo; 2005. p. 71-96.
21. Motta CMAM, Chakur RJ. Drogas: conceitos e reflexão. In: Solfa GC, organizador. *Gerando Cidadania: reflexões, propostas e construções práticas sobre direitos da criança e do adolescente*. São Paulo: Rima; 2004.
22. Cassol L, De Antoni C. Família e abrigo como rede de apoio social e afetiva. In: Dell'aglio DD, Koller SH, Yunes MAM, organizadores. *Resiliência e psicologia positiva: interfaces do risco à proteção*. São Paulo: Casa do Psicólogo; 2006. p. 173-201.
23. Sales MA. (In)visibilidade perversa: adolescentes infratores como metáfora da violência. São Paulo: Cortez; 2007.
24. De Antoni C, Barone LR, Koller SH. Violência e pobreza: um estudo sobre vulnerabilidade e resiliência familiar. In: Dell'aglio DD, Koller SH, Yunes MAM, organizadores. *Resiliência e psicologia positiva: interfaces do risco à proteção*. São Paulo: Casa do Psicólogo; 2006. p. 141-71.

Recebido em: 18 de fevereiro de 2013.
Versão atualizada em: 12 de março de 2013.
Aprovado em: 25 de março de 2013.